

“Ela entrou em pânico – ela supõe que pânico seja o nome para isso. Ela tentou deitar por alguns minutos enquanto seu filho tirava uma soneca, tentou ler um pouco, mas não conseguia concentrar-se. Ela deita na cama com o livro em suas mãos sentindo-se esvaziata, exausta, pela criança, pelo bolo, pelo beijo. A coisa se vinculava, de alguma forma, a esses três elementos, e enquanto ela deitava na cama de casal com as cortinas fechadas e o abajur aceso, tentando ler, pensou: “Isto é como enlouquecer?” Ela nunca tinha imaginado assim – quando havia pensando em alguém (uma mulher como ela) perdendo a cabeça, tinha imaginado gritos e lamentos, alucinações, mas naquele momento tinha ficado claro que havia um outro modo, muito mais silencioso, um modo que era anestesiado e sem esperança, seco, de tal forma que uma emoção tão forte quanto a tristeza teria sido um alívio”.¹

Com o parágrafo acima, Cunningham (1998) descreve o desamparo de Laura Brown, personagem vivida por Julianne Moore na versão adaptada ao cinema do livro *As Horas*. Penso que esta personagem ilustra o desamparo que parece afligir os denominados pacientes difíceis, foco do interesse principal

Sobre os casos difíceis e os alcances da técnica psicanalítica

Resenha de Fátima Florido César, **Dos que moram em móvel-mar – a elasticidade da técnica psicanalítica**, São Paulo, Casa do Psicólogo, 2003, 204 p.

do livro de Fátima Florido César. Ao menos era esse o interesse inicial da autora (como veremos). Tais pacientes recebem comumente o diagnóstico de *borderline*, casos fronteirços, os quais, segundo a autora, vagueiam pelo mundo em busca de pertencer, de nascer pela primeira vez, ou seja, de inaugurar uma forma de viver que possa ser compartilhada com os outros.

O isolamento de tais pacientes não é uma coisa nova e remete a eventos traumáticos vividos em um período bastante inicial de suas vidas, decorrendo daí a importância das teorias de autores como Ferenczi, Winnicott e Balint – discutidas no livro – na medida em que elas reconhecem a força do evento traumático na etiologia dos distúrbios psíquicos graves. Mesmo o mais penoso sentimento de tristeza seria um alívio para estes pacientes, mergulhados em um terror sem nome, discutido por Fátima à luz da teoria de Winnicott. Tais pacientes têm o desamparo e o horror como companhias mais freqüentes. Fátima, no seu fazer clínico, dirige-se ao desamparo dos paci-

entes e, com sua investigação teórica, ao desamparo em que se vê o psicanalista (ou psicoterapeuta) disposto a atender um paciente com tal nível de angústia. Isso nos leva ao título do livro: *Dos que moram em móvel-mar – a elasticidade da técnica psicanalítica*. Fátima adverte-nos de que o lugar do qual parte sua investigação não conta com a imobilidade das certezas, mas é feito na areia movediça de uma investigação teórica sensível. Ao lado disso, estão a coragem e a presença do analista diante das incertezas e angústias trazidas pelo contato com o outro no fazer clínico.

O livro divide-se em cinco partes. De início, Fátima nos apresenta um relato a respeito de sua inquietude e motivações para escrevê-lo. A primeira parte é dedicada a um estudo minucioso dos chamados “casos difíceis”, a partir das idéias de Ferenczi, Winnicott, Balint e Fédida. O ponto comum destes

autores é a constatação de que a técnica psicanalítica clássica não dá conta de tais pacientes. Dado que algo do registro do trauma incide na etiologia do adoecimento de tais pacientes, o papel da regressão passa a ocupar um lugar fundamental no atendimento. Podemos acompanhar de que maneira o *setting* deve se modificar a partir da necessidade dos pacientes no relato clínico apresentado na segunda parte. Como a teoria de Winnicott funciona como pano de fundo para toda a discussão do livro, Fátima parece prever a necessidade de situar a maneira pela qual utiliza a teoria do psicanalista inglês, exercício feito na terceira parte do livro. A leitura que Fátima faz da obra de Winnicott, ao contrário dos modismos que se observam nos dias hoje, resgata a força criativa da teoria do psicanalista inglês. Ao final, em duas cartas, uma dirigida aos pacientes e outra aos terapeutas, ela novamente faz uso de suas experiências emocionais para sintetizar o arcabouço de suas contribuições e abrir o caminho para novas reflexões.

Em sua obra, Fátima chama a atenção para o elemento contratransferencial presente na denominação de casos difíceis, já que, afinal, cabe perguntar difíceis para quem. Além disso, outro elemento contratransferencial importante, vinculado aos casos difíceis, é a dificuldade do analista ou psicoterapeuta para se desidentificar com o paciente, posto que este traz questões a respeito do humano que nos tocam profundamente. Este aspecto é apresentado por Fátima não apenas devido ao rigor com o que ela investiga a teoria psicanalítica, mas também a partir de uma profunda honestidade a respeito de sua própria prática, mostrando os caminhos e descaminhos nos quais foi levada por sua clínica. É ainda nesta parte que ela reconhece alguns excessos cometidos em nome do desejo de ajudar seus pacientes. Creio ser este um dos pontos fortes do livro, a saber, a apresentação honesta e crítica dos percalços inerentes ao fazer clínico.

No final, a autora acaba por reconhecer que sua investigação passa a abranger a tota-

lidade dos casos em psicanálise, na medida em que está em jogo uma investigação a respeito da técnica da psicanálise, seus alcances e necessária elasticidade. Por esta razão, o livro torna-se valioso para todos aqueles que têm coragem e disposição para ocupar o lugar de analista, não a partir da obediência cega às regras rígidas, mas sim a partir de uma disposição ao convívio com o outro, mesmo nos momentos em que a angústia parece ser insuportável. Em relação a esse tema, Fátima recorre à discussão de Luís Cláudio Figueiredo (p. 171) a respeito da postura do analista e da ética em psicanálise, o que a leva à conclusão de que “*se o móvel-mar era aparentemente exclusivo de pacientes borderline, depois foi visto como a condição da dupla e do próprio processo psicoterapêutico*” (p. 18). Aqui, penso que a condição móvel-mar ganha estatuto semelhante ao da trans-

ferência, vista por Freud, no início, como um entrave ao transcurso do tratamento, para tornar-se, em uma etapa posterior, o motor do processo de cura.

Gostaria de acrescentar um ponto à questão levantada pela autora – “*como se ajuda?*” (p. 18) – e perguntar: Como se ajuda nos dias de hoje? Pergunto se muitos dos denominados “casos difíceis” não chegariam ao consultório também em decorrência de sintomas relativos à contemporaneidade. Vivemos um mundo de medo e desamparo, no qual um homem a caminho do trabalho não tem a menor segurança de que irá chegar intacto, pois está sujeito a riscos que podem resultar tanto de um assalto em uma cidade violenta como de uma ação terrorista em um país do chamado “primeiro mundo”.

Quando a segurança está cada vez mais ameaçada, é apenas fazendo uso de um repertório interno (construído) de esperança que se torna possível tomar o trem e dirigir-se ao trabalho na manhã seguinte à do atentado. Sendo assim, estamos todos em móvel-mar, e podemos seguir viagem a partir da sustentação interna, fruto de uma maternagem suficientemente boa. Ao lado disso, no momento em que a psicanálise perde cada vez mais espaço para alternativas terapêuticas do tipo *fast-cure*, como trazer o paciente para trilhar o muitas vezes árduo caminho de uma análise? E como convencê-lo de que a frágil garantia de suportar o não-saber é a forma mais duradoura e sustentável de enfrentamento frente à oferta de que o sofrimento pode ser calado? O livro de Fátima constitui, assim, uma obra enriquecedora para analistas e psicoterapeutas que se mantêm em um lugar onde as garantias são frágeis. Afinal, suportar o *movimento do mar* é o que permite alcançar a necessária mobilidade psíquica.

NOTAS

1. M. Cunningham, *The Hours*, London, Fourth Estate, 1998, p. 141.

Karina Codeço Barone é psicóloga, mestre em Estudos Psicanalíticos pela Tavistock Clinic and University of East London, mestre em psicologia pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, doutoranda em psicologia pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.